



O grande Eliezer

A discrição foi a sua marca, em que pese a força de sua caneta - que sempre foi a esferográfica -, e do poder de que dispunha no exercício da magistratura.

Eliezer Inácio da Silva foi mais um que saiu da redação do jornal para fazer justiça na verdadeira acepção da palavra. Até terça-feira da semana passada nele residiu uma vida cujo significado era o da esperança, tipo aquela que Luís Vaz de Camões, seu poeta preferido, expôs um dia, na imortal proximidade do poema "Os Lusíadas" (... a fé na recuperação das terras que foram devastadas por reis e déspotas): (...) "Se vão da lei da Morte libertando... catando espalharei por toda parte, se a tanto me ajudar o engenho e arte..."

A ruptura do véu da bruma que, para o comum dos mortais, parece separar o chamado "mundo contingente", do "Além" (de algo atribuído ao "Além") é sempre motivo de espanto para quem dela tem consciência, mesmo através dos olhos que as musas emprestam qualquer coisa como uns raios X... Pelo menos por esse motivo o milagre é um fator de atmosfera épica, e Eliezer Inácio não o desprezou nessa sua efêmera passagem pelas letras jornalísticas e jurídicas. Mesmo na função judicante, Eliezer Inácio continuou jornalista manuseando com a inteligência que Deus lhe deu, as palavras que a prudência sempre recomendou para as ocasiões mais distintas e graves. Suas sentenças como juiz, sempre foram, no fundo, portadoras de esperança e carregadas de dignidade.

Se conheci bem Eliezer Inácio, eu não estaria exagerando se aqui disser (e já estou dizendo) que ele poderia unir-se à vida dos heróis de hoje em dia. Saído de uma família humilde, liderada pelo velho João Inácio, servidor público de poucas posses, junta-se à sua saga a ousadia de ingressar numa casta à época em que só privilegiou, durante décadas, herdeiros de reis e potentados - a de juízes. Ele ingressou na magistratura com a inteligência e a coragem.

Bom papo, sempre bem humorado,

fermento de ações generosas e livres, condicionou também a sua inteligência à compreensão de que o milagre às vezes acontece.

Bitolado às leis e às regras - e não poderia agir diferente - Eliezer Inácio foi colhido por um coletivo em plena avenida Fernandes Lima, quando tentava atravessá-la, através da faixa destinada aos pedestres. Um irresponsável que conduzia esse ônibus, não respeitou o espaço destinado àqueles que têm poucas oportunidades de exercitarem o seu direito de transitar, a pé, nesta cidade. Atropelou Eliezer, ceifando-lhe a vida e ferido gravemente uma traseunte e fugiu, conforme assim agem os covardes.

Morreu Eliezer tão discretamente conforme passou por esta vida. Até sua identidade foi confundida com a de um popular qualquer. A lacuna que deixou aberta no jornalismo e na magistratura jamais será preenchida.

Dias atrás encontrei-o no Tribunal de Justiça. Caminhávamos um na direção do outro e aí o avistei primeiro:

- Excelência! - cumprimentei-o.

Ele respondeu na chapa:

- Excelência o cacete!

Descemos juntos até a calçada onde nos demoramos recordando velhos tempos. Rimos à valer, e cada foi tomou o seu rumo. Aquele foi o nosso último encontro. Nessa ocasião ele me revelou uma desconfiança que guardava desde os anos 60, na vetusta Faculdade de Direito da praça do Montepio. Ele achava que eu sabia quem havia trocado o seu barrete de formatura (aquela cobertura para a cabeça, que faz parte da indumentária do formando). O seu barrete original ajustava-se bem na cabeça. O que deixaram no seu lugar, era bem maior, a ponto de ficar sobrando e girando a toda hora, a cabeça do Eliezer. Na foto de formatura Eliezer não conseguiu esconder esse detalhe. Por isso aparece com a cara mais triste do mundo).

Este momento, eu quero compartilhar com os velhos companheiros de Eliezer Inácio. Aproveito, também, para em nome desta **Tribuna Independente**, apresentar à família do Grande Eliezer a nossa solidariedade e o manifesto da nossa profunda saudade...